

CRIAÇÃO & CRÍTICA

CONTINUAR A PENSAR HENRI MESCHONNIC

Valdir do Nascimento Flores¹

Resumo: Este texto apresenta uma reflexão sobre a teoria da linguagem de Henri Meschonnic tomando como categoria central a ideia do “pensar”, entendida como uma posição crítica sobre a teoria da linguagem, que dá lugar ao descontínuo da linguagem em contraposição à defesa do contínuo, o que se configura em um ponto essencial da virada epistemológica oriunda das ideias de Meschonnic. Explicitam-se, por fim, os efeitos dessa noção de “pensar” sobre os trabalhos a respeito da linguagem desenvolvidos pelo autor deste texto.

Palavras-chave: crítica; linguagem; epistemologia da linguística.

CONTINUING TO THINK HENRI MESCHONNIC

Abstract: This text features a reflection on the theory of language developed by Henri Meschonnic, taking the idea of “thinking” as its primary category. This category is understood as a critical position on the theory of language, giving rise to the discontinuous nature of language as opposed to the defense of its continuous aspect, which is a key topic in the epistemological turn arising from Meschonnic's ideas. Finally, the effects of this concept of “thinking” on the studies on language developed by the author of this article are explained.

Keywords: criticism; language; epistemology of linguistics.

se pensar é inventar o pensamento, pensar é necessariamente intervir no pensamento, e intervir no pensamento é intervir na sociedade (MESCHONNIC, *Oui, qu'appelle-t-on penser?*, 2005, p. 257).

¹ Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Possui Mestrado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), Pós-doutorado (CNPQ), na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e Pós-doutorado (CAPES), na Université de Paris X - Nanterre, sob a direção de Claudine Normand. E-mail: vnf.ufrgs@gmail.com

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Primeiras palavras: *pensar* Meschonnic e a crítica

Quando eu comecei a refletir sobre o trabalho que faria neste evento², ocorreu-me apresentar algo sobre os efeitos que teve a leitura³ de Meschonnic sobre o meu modo de *pensar* a linguagem. Talvez esta seja a melhor forma de homenagear um autor: dizer os efeitos que seu pensamento produziu sobre os demais.

Minha experiência com Meschonnic deve muito à ideia do *pensar* por ele desenvolvida, o que compreendi, sempre, como uma categoria crítica. É isso que, acredito, se lê logo na “Introdução” de *La pensée dans la langue. Humboldt et après* (1995): “*ler* Humboldt passa por uma crítica das representações de Humboldt. É o que me esforço para fazer, apresentando tanto o estado atual quanto o programa do que seria *pensar Humboldt*” (Meschonnic, 1995, p. 8, grifos do autor, tradução minha).

Essa perspectiva do *pensar* como *crítica* tentei deixar clara em *Saussure e a tradução* (2021), livro no qual defendo a ideia de que é possível derivar da linguística do genebrino Ferdinand de Saussure uma potente reflexão sobre a tradução. No livro, já no primeiro capítulo – não à toa intitulado “Título do capítulo” –, explico que vem de Henri Meschonnic e de seu *La pensée dans la langue. Humboldt et après* a ideia de que *pensar* a linguagem implica invenção e transformação dos critérios com os quais se reflete sobre a linguagem (e, portanto, no caso, também sobre a tradução), o que permite exercer a crítica a respeito de “tudo o que passa e repassa pela linguagem⁵” (Meschonnic, 1995, p. 5, tradução minha). Quer dizer, “o exame da teoria da linguagem, do estatuto da linguagem na filosofia, nas Letras e nas ciências humanas,

² Este texto reproduz, com algumas pequenas alterações de forma, a participação que tive no Colóquio Internacional Online Continuar Henri Meschonnic, ocorrido entre os dias 01 e 02 de junho de 2022, numa ação cooperada entre o Centre de Recherches Latino-Américaines – Archivos (CRLA-Archivos)/Université de Poitiers e os Departamentos de Letras Modernas (FFLCH – DLM) e Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH – DTLLC) da Universidade de São Paulo (USP). Como este texto se tratou de uma apresentação oral, fiz um esforço para manter, o máximo possível – e nem sempre é possível – o ritmo e o tom próprios à oralidade do texto. Talvez isso implique alguma dificuldade de compreensão, no entanto, em defesa do propósito diria que as relações entre o escrito e o falado e a própria questão da oralidade já seria algo a receber acolhimento no pensamento meschonnicuiano.

³ Ao referir minha leitura de Meschonnic não suponho, com isso, tocar no tanto de sua teoria com o qual tive contato. Isso significa também que a apresentação da monumental reflexão de Meschonnic acerca da linguagem é uma meta que transcende os meus objetivos aqui. Na verdade, minha intenção é bem mais modesta: tão-somente ver como Meschonnic se faz presente na reflexão que tenho desenvolvido sobre a linguagem no âmbito da linguística no Brasil. É quase um depoimento pessoal.

⁴ No original: “*lire* Humboldt passe par une critique des représentations de Humboldt. Ce que je tâche de faire. En présentant l’état présent autant que le programme de ce que serait *penser Humboldt*.”

⁵ No original: “tout ce qui passe et repasse par le langage”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

coloca a filosofia em crise e exerce uma crítica, ou seja, uma transformação dos critérios de pensamento⁶ (Meschonnic, 1995, p. 5, tradução minha).

Assim, *pensar* a tradução se apresentou, para mim, em *Título do livro* como um *pensar* a linguagem, porque não considero que algo possa ser dito sobre tradução desvinculado da crítica sobre a linguagem. A tradução é um dos grandes “problemas gerais da linguagem” (Cf. Flores, 2019) e assim merece ser tratada. Mais uma vez, é Meschonnic quem dá o tom; desta vez, na *Poética do traduzir*, em que ele afirma que o “traduzir é o ponto fraco das noções de linguagem” (Meschonnic, 2010, p. XX), o que o faz considerar o traduzir “o melhor posto de observação sobre as estratégias de linguagem” (Meschonnic, 2010, p. XXII), expressão justa que permite ver que a tradução é tanto um lugar *a partir do qual* se pode olhar a linguagem quanto um lugar *onde* se pode olhar a linguagem. Prática e teoria juntas. E o ponto de vista crítico se coloca, pois a poética é, antes de tudo, crítica:

uma teoria *crítica* no sentido em que ela se encontra como teoria de conjunto da linguagem, da história, do sujeito, e da sociedade, e recusa as regionalizações tradicionais, mas também no sentido em que ela se funda *como teoria da historicidade radical da linguagem*⁷. A tradução desempenha aí um papel maior (Meschonnic, 2010, p. 5, grifos meus).

Mais de dez anos após *La pensée dans la langue. Humboldt et après*, em 2003, o próprio Meschonnic dirá em um texto publicado nas atas do Colóquio do Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, intitulado “Oui, qu’appelle-t-on penser?”: “de fato, jamais deixamos de voltar a essa questão⁸” (Meschonnic, 2005, p. 251, tradução minha) do *pensar* como crítica. É isso que o leva a considerar que o pensamento é “comparável a uma obra de arte, arte da linguagem, ou arte plástica⁹” (Meschonnic, 2005, p. 252, tradução minha),

é necessário e urgente um pensamento da historicização radical da linguagem, do poema, da arte, da ética, do político, em sua interação, contra o teológico-político, o teológico-filosófico, o teologicamente correto, o politicamente correto, o poeticamente correto e o semioticamente correto, o filosoficamente correto, o linguisticamente

⁶ No original: “L’examen de la théorie du langage, du statut du langage dans la philosophie, les Lettres et les sciences humaines, met en crise la philosophie et exerce une critique, c’est-à-dire une invention et une transformation des critères de la pensée”

⁷ A questão da “historicidade radical” como teoria da linguagem é tratada a seguir. No entanto, faço o destaque aqui para, desde já, chamar a atenção do leitor.

⁸ No original: “on n’en jamais fini, en effet, de revenir à cette question”.

⁹ No original: “comparable à une oeuvre d’art, art du langage, ou art plastique”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

correto, o socialmente correto¹⁰ (Meschonnic, 2005, p. 251, tradução minha).

A crítica de Meschonnic, nesse ponto, é certa: há séculos vivemos sob a égide de um pensamento que se estrutura e mesmo impõe o *dualismo do signo*, abstração que compreende a linguagem como clivada entre som e sentido, forma e conteúdo, entre outras discontinuidades. Diz ele:

No seu conjunto, a ciência da linguagem do século XX reforçou ainda mais essa representação já estabelecida por uma familiaridade antiga e a ilusão de ser o próprio bom senso. A poética é o esforço para mostrar que essa representação é considerada a própria natureza mesma das coisas da linguagem, e que a ciência globalizou ainda mais, essa representação é uma loucura, uma maneira esquizofrênica de ver a linguagem como do radicalmente descontínuo¹¹ (Meschonnic, 2005, p. 252, tradução minha).

O próprio do *pensar* é, então, mostrar que esse descontínuo representa essa *loucura*; é preciso, enfim, *pensar* o contínuo na linguagem: “esse contínuo constitui uma reação em cadeia. É o contínuo entre o corpo que fala e sua linguagem, mas não apenas o gesto e a entonação, é também o contínuo do corpo ao escrito, nisso que é a invenção mesma da linguagem: a literatura, a poesia¹²” (Meschonnic, 2005, p. 252, tradução minha).

O *pensar* crítico sobre a teoria da linguagem que vê o descontínuo da linguagem em contraposição à defesa do contínuo é um ponto essencial da virada epistemológica oriunda das ideias de Meschonnic, e é o seu ponto de maior impacto sobre a minha reflexão acerca da linguagem (sobre a minha, sem dúvida, mas sobre a da linguística em geral creio que também). Em *Dans le bois de la langue*, lê-se: “pensar é primeiro *inventar* o pensamento, transformar o pensamento. O pensamento

¹⁰ No original: “est nécessaire et urgente une pensée de l’historicisation radicale du langage, du poème, de l’art, de l’éthique, du politique, dans leurs interaction, contre le théologico-philologique, le théologiquement correct, le politiquement correct, le poétiquement correct et le sémiotiquement correct, le philosophiquement correct, le linguistiquement correct, le socialement correct”.

¹¹ No original: “Dans son ensemble, la science du langage du XX^e siècle a même renforcé cette représentation déjà installée par une familiarité ancienne et l’illusion d’être le bon sens même. La poétique est l’effort pour montrer que cette représentation qui passe pour la nature même des choses du langage, et que la science a en plus mondialisée, cette représentation est une folie, une manière schizophrénique de voir le langage comme du radicalement discontinu”.

¹² No original: “Ce continu constitue une réaction en chaîne. C’est le continu entre le corps qui parle et son langage, mais ce n’est pas seulement la gestuelle et l’intonation, c’est aussi le continu du corps à l’écrit, dans ce qui est l’invention même du langage : la littérature, la poésie.”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

matemático transforma a matemática, o pensamento filosófico transforma a filosofia, o pensamento poético transforma a poesia, o pensamento linguístico transforma a representação da linguagem e das línguas¹³ (Meschonnic, 2008, p. 189, tradução minha).

É essa ideia do *pensar* a linguagem e a *teoria* da linguagem que me proporcionou um outro olhar para a linguística. Que efeitos há em se considerar o *pensar* como uma categoria da teoria da linguagem? Ou ainda: como um programa de reflexão sobre a linguagem?

Um programa como esse implica *pensar* a língua naquilo que ela tem de atravessamento do discurso, o que permite ver que a literatura não é uma mera realização estética/estilística da língua, mas algo que a atravessa e que a transforma. A literatura é o que torna sensível que qualquer atividade prática ou significativa se constrói em uma língua em sua dimensão *semântica*, para usar uma ideia do linguista Émile Benveniste.

Pensar a língua então – Meschonnic sempre defendeu – é não confundir o signo, o descontínuo, com o discurso, o contínuo. E tendo Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste (e Spinoza também, que não será por mim tratado aqui) como inspiração, Meschonnic delineia uma teoria que dá destaque ao ritmo, à historicidade e ao apreço à alteridade. Uma teoria crítica onde o político tem lugar central. Sua obra é, então, um convite ao *pensar*.

Dessons (2006) dedica o primeiro capítulo de seu *Émile Benveniste, l'invention du discours* à “arte de pensar” – expressão essa que intitula o capítulo. Explica Dessons que “existe uma arte de pensar que faz do pensar uma obra de arte¹⁴” (Dessons, 2006, p. 10, tradução minha), quer dizer, “pensar designa então essa atividade intelectual que se define como invenção simultânea de um objeto (de pensamento) e de uma maneira¹⁵ [*manière*]¹⁶” (Dessons, 2006, p. 10, tradução minha). É desse ponto de vista que o autor considera que, em Benveniste, seu objeto de estudo no livro, a “arte de pensar” é a “arte do problema”, o que é textual – e evidente – no título dos dois volumes de *Problemas de linguística geral*.

¹³ No original: “Penser c’est d’abord *inventer* de la pensée, transformer la pensée. La pensée mathématique transforme les mathématiques, la pensée philosophique transforme la philosophie, la pensée poétique transforme la poésie, la pensée linguistique transforme la représentation du langage et des langues”.

¹⁴ No original: “il y a un de penser qui fait de penser une oeuvre d’art”

¹⁵ No original: “Penser désigne alors cette activité intellectuelle qui se définit comme l’invention simultanée d’un objet (de pensée) et d’une manière.”

¹⁶ O Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL) define “manière” como “aspecto particular, forma particular que reveste um processo, uma ação ou um estado” (CNRTL, 2012, n. p.). Entre os sinônimos listados pela ferramenta, um dos primeiros é “estilo”. No entanto, optei por traduzir “manière” por “maneira” e não por “estilo” porque o próprio Dessons (1995), em artigo intitulado “Les enjeux de la manière”, dedica-se a distinguir, do ponto de vista histórico e conceitual, uma noção da outra. Diz também, Dessons (2006, p. 203-204, grifos do autor, tradução minha): “esta especificidade da obra de arte, que conduz a definir sua significação pela afirmação de sua dimensão subjetiva, é exatamente o que chamamos a *maneira* [*manière*]. Noção a reconceitualizar, a maneira [*manière*] nomeia indissociavelmente uma forma e a historicidade de uma prática”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

É partindo dessas considerações que pretendo aqui destacar algumas passagens fundamentais para o meu *pensar* sobre a linguagem e a linguística porque nelas vejo Meschonnic exercendo o *pensar* em ato.

Minha intenção é colocar à mostra – na forma de efeitos – um certo modo de fazer com a linguagem que implica um saber sobre a linguagem.

Primeiro efeito: *pensar a historicidade e não o historicismo*

Voltemos à obra *La pensée dans la langue. Humboldt et après*, publicada em 1995. Nela, lemos:

Chamo *pensar Humboldt*, pensar a linguagem como elemento de uma **historicidade radical** e de uma infinidade de sentidos que deve reorganizar todo o conjunto de saberes da antropologia. Na história do pensamento ocidental da linguagem, é pensar a linguagem contra o pensamento dominante e tradicional do significado, que é paradoxalmente ao mesmo tempo um não pensamento da linguagem, um obstáculo epistemológico ao pensamento da linguagem. Em que, precisamente, a teoria é inseparável de sua história¹⁷ (Meschonnic, 1995, p. 17, itálico do autor, negrito meu, tradução minha).

Vemos aqui o autor trazendo um ponto essencial: a historicidade radical pela qual um pensamento é constituído. Historicidade e não historicismo, quer dizer, não mais a mera justaposição de uma cronologia, ou mesmo a consciência da história, mas uma atividade crítica das condições de possibilidade de instauração de um discurso, no caso, sobre a linguagem humana.

O pensamento de Humboldt permite a Meschonnic um tratamento da língua e da linguagem na instância do descontínuo, refratário ao contínuo, que supõe um discurso historicizado. Ora, a historicidade mostra que não há senão representações e que essas representações são culturais, constituídas por elementos do passado, mas também por elementos de leituras que porventura poderão advir.

Pensar um autor, então, não é o mesmo que situá-lo na história do pensamento linguístico (em se tratando de uma reflexão sobre a linguagem, menos

¹⁷ No original: “J’appelle *penser Humboldt*, penser le langage comme élément d’une historicité radicale et d’un infini du sens qui doit réorganiser tout l’ensemble des savoirs de l’anthropologie. Dans l’histoire de la pensée occidentale du langage, c’est penser le langage contre la pensée dominante et traditionnelle du sens, qui est paradoxalement en même temps une non-pensée du langage, un obstacle épistémologique pour penser le langage. En quoi justement la théorie n’est pas séparable de son histoire.”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

ainda), mas é *pensá-lo* no contínuo do sentido para, assim, ver como, por que e o que advém disso. Sem reduzir um autor a outro.

Pensar um autor é *pensar* no modo como ele pode ser pensado. Isso conduz Meschonnic a concluir que:

a) *Pensar* Humboldt não é

pensar através de Humboldt, ou citá-lo, mas pensar a mesma ordem de problemas que ele havia começado a pensar, e pensar além dele, mas com ele, a partir dele, continuando-o, não somente naquilo que ele foi o primeiro a pensar, mas no que ele permanece como o único a ter pensado, de seu tempo até o nosso tempo¹⁸ (Meschonnic, 1995, p. 13, tradução minha)

Eu voltarei a tratar de aspectos dessa passagem mais adiante, em especial voltarei à ideia de que *pensar* um autor não é necessariamente citá-lo, mas levar em conta questões que são da mesma ordem de problemas. Por enquanto, porém, interessa ver as consequências do *pensar* sobre a leitura de um autor.

O que se pode dizer de Humboldt a partir do que *pensa* Meschonnic?

Ora, como lembra Trabant (2005, p. 177-180, tradução minha), o “Humboldt de Meschonnic¹⁹” (e essa expressão é realmente elucidativa, já que resguarda não se tratar de *um* Humboldt “em geral”) é aquele do discurso, da “linguagem como atividade²⁰” (*energeia*); da recusa à redução das línguas aos “esqueletos mortos²¹” que jazem nas gramáticas, nos dicionários; da defesa da linguagem “situada historicamente, numa sociedade concreta²²” que leva a uma teoria linguística que é social, política e histórica; da recusa à concepção da linguagem como signo (estático, descontínuo) em favor do ritmo (dinâmico, contínuo); do reconhecimento absoluto da singularidade da linguagem cujo equivalente inexistente na natureza; da defesa de uma teoria do contínuo da linguagem, do discurso, da atividade, enfim, da *energeia*.

¹⁸ No original: “penser à travers Humboldt, ou le citer, mais penser le même ordre de problèmes qu’il avait commencé à penser, et penser au-delà de lui mais avec lui, à partir de lui, en le continuant, dans non seulement ce qu’il était le premier à penser, mais qu’il reste le seul à avoir pensé, de son temps et jusqu’à notre temps.”

¹⁹ No original: “Humboldt de Meschonnic”

²⁰ No original: “langage comme activité”

²¹ No original: “squelettes mortes”

²² No original: “situé historiquement, dans une société concrète”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

- b) *Pensar* Saussure é recusar a “grade estruturalista que o recobre da qual as pesquisas historicistas não foram suficientes para preservá-lo²³” (Meschonnic, 1982, p. 45, tradução minha).

Meschonnic se afasta de qualquer associação de Saussure ao estruturalismo. Ele nunca cansará de repetir: “[...] a poética é saussuriana, mas antiestruturalista. O estruturalismo linguístico e sobretudo literário terá sido um longo contrassenso a respeito de Saussure” (Meschonnic, 2010, p. XXXI). E acrescenta:

[...] a história recente do pensamento da linguagem foi escrita de tal maneira que Saussure não passa por difícil. Exemplo limite, já que está no limite do visível ideológico, que ilustra o quanto a grade estruturalista fabricou uma falsa facilidade de Saussure. Com seus efeitos escolares (Meschonnic, 2010, p. 176).

Em um texto tardio em sua reflexão, publicado em 2005, Meschonnic deixa muito clara sua predileção pelo “Saussure dos *Escritos*” em detrimento do “Saussure do *Curso*”, em função do distanciamento que se vê nos *Escritos* da “grade estruturalista”. Além disso, ele explicita elementos do pensamento saussuriano que são caros a sua própria formulação: o ponto de vista, o discurso, o sistemático. De certa maneira, é nos *Escritos* que Meschonnic pensa encontrar um Saussure livre das amarras do estruturalismo. No entanto, Meschonnic sempre defendeu – e bem antes da publicação dos *Escritos* – a necessidade de desatomizar a leitura de Saussure.

A ideia de sistema, que Meschonnic vai sempre diferenciar de estrutura, é cara ao autor: “a indiferenciação entre sistema e estrutura continua a ser opinião corrente” (Meschonnic, 2010, p. 59). Com ela, Meschonnic defende uma perspectiva de

sistema, no sentido de Saussure, de um conjunto de diferenciais internos, radicalmente históricos, à diferença da *estrutura* estruturalista e semiótica, que trata como pares de exclusão mútua os pares de implicação recíproca, em Saussure, entre língua e fala, sincronia e diacronia (aos dois, o conjunto, a história, estado e mudança), sintagmática e associativa. Não paradigmática (Meschonnic, 2010, p. XXXI-XXXII, grifos do autor).

²³ No original: “la grille structuraliste qui le recouvre, dont des recherches historicistes ne suffissent pas à le préserver”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Ora, para Meschonnic, “sistema, valor, funcionamento, e o radicalmente arbitrário, radicalmente histórico, são diretamente pensáveis na sua relação da língua ao discurso” (Meschonnic, 2010, p. XXXI), o que permite ver em Saussure uma crítica às divisões entre léxico, morfologia, sintaxe. Para Meschonnic, há, em Saussure, um pensamento sobre o discurso, uma poética do contínuo, que o sistema e o valor, no discurso, autorizam pensar:

aos maus entendedores dogmáticos do dualismo, que continuam a restringir os problemas da tradução a uma concepção do sentido que a significância devolve a todo momento à sua pobreza teórica, cabe contrapor que o valor do sentido de Saussure, no discurso só flui por conta do ritmo. O ritmo mostra que o primado caduco do sentido se faz substituir por uma noção mais possante, mais sutil também, já que ela pode se realizar no imperceptível, por seus efeitos de escuta e de tradução: o modo de significar. No que a aventura da tradução e a do ritmo são solidárias (Meschonnic, 2010, p. 56).

Mais recentemente, em uma obra que é uma espécie de síntese da reflexão de Meschonnic acerca da tradução, *Éthique et politique du traduire* (2007), ele é peremptório em afirmar que se apoia em Saussure para compor uma teoria da linguagem, mas trata-se de um Saussure não estruturalista, do contínuo, que não esquarteja a língua (a divisão tradicional entre léxico, morfologia e sintaxe); um Saussure do discurso e não do signo; um Saussure afastado das noções de língua e de signo que são os conceitos-chave do estruturalismo.

- c) *Pensar Benveniste* é recusar a tradição (cf. Meschonnic, 2008, “Seul comme Benveniste”) de um Benveniste estruturalista, de um Benveniste que propõe um sujeito psicologizado, de um Benveniste sem ritmo, de um Benveniste sem teoria da linguagem.

É preciso voltar a Benveniste, portanto, “não só porque a partir dele vem o estudo da enunciação e do discurso, mas porque ele mantém exemplarmente unidas a filologia e a linguística, cuja separação produziu os formalismos abstratos que se fazem passar por teoria²⁴” (Meschonnic, 1982, p. 45, tradução minha).

Segundo efeito: *pensar sobre uma ordem de questões*

²⁴ No original: “parce que de lui part non seulement l’étude de l’énonciation et du discours, mais parce qu’il tient exemplairement ensemble la philologie et la linguistique, dont la séparation a produit les formalismes abstraits qui se sont fait passer pour théorie.”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

De Humboldt a Saussure e, desses, a Benveniste: Meschonnic reconhece neles uma continuidade, pois o que os liga é um *pensar* relativo a questões que são da mesma ordem. Essa atitude contrasta com a tradição da prova pela citação:

um pensamento de Humboldt pode ser reconhecido onde uma filiação não é expressamente reivindicada. Assim, parece-me que tal pensamento passa por Saussure e Benveniste. Pensar Humboldt não é necessariamente se referir a Humboldt²⁵ (Meschonnic, 1995, p. 16-17, tradução minha).

De Humboldt a Saussure, é a visada estruturalista que é colocada em suspenso. Como disse acima, Meschonnic reiteradamente volta-se contra uma leitura estruturalista de Saussure; aliás, a própria expressão “estruturalismo saussuriano” merece ser criticada aos olhos de Meschonnic: “não existe estruturalismo saussuriano, primeiro porque Saussure não é estruturalista e o estruturalismo foi apenas um de seus efeitos de teoria, em seguida porque o estruturalismo foi muito menos contínuo em Saussure do que aquilo que se repete” (Meschonnic, 2010, p. 208). Afirmações contundentes! E Meschonnic foi um dos primeiros a formulá-las. No entanto, ainda hoje, encontra-se – principalmente em aulas de cursos de letras e linguística, o que não deixa de causar espécie, sem dúvida – quem defenda um Saussure estruturalista, sem maiores problematizações.

Ora, a leitura de Meschonnic proporciona muitos motivos para voltar a Saussure na atualidade a partir de outras bases e com outros interesses. Não é mais possível desconhecer o grande trabalho de “retomada” do pensamento de Saussure feito pela especializada filologia saussuriana. Muito já foi revisto a partir de um conjunto enorme de fontes manuscritas. Isso deveria ser o suficiente para que se coloque em xeque qualquer visão apriorística de Saussure²⁶. Nesse retorno é que se vê que Saussure não vai contra Humboldt: “Saussure está em continuidade com Humboldt por um pensamento do valor, do funcionamento (que passa pelo sujeito falante) e da historicidade radical” (Meschonnic, 2010, p. 209).

De Humboldt a Benveniste: “emblematicamente, o lado Humboldt de Benveniste não o coloca na moda. Ele permanece intempestivo²⁷” (Meschonnic, 2008, p. 360, tradução minha). Quer dizer, tal como em Humboldt, há uma unidade da

²⁵ No original: “une pensée Humboldt peut se reconnaître là où une filiation n’est pas expressément revendiquée. Ainsi il me semble qu’une telle pensée passe par Saussure et par Benveniste. Penser Humboldt n’est pas nécessairement se référer à Humboldt.”

²⁶ Eu remeto ao meu livro *A linguística geral de Ferdinand de Saussure* (2023), em especial ao “Apêndice”: “Breve nota sobre Saussure e o estruturalismo”.

²⁷ No original: “Emblématiquement, le côté Humboldt de Benveniste ne le met pas à la mode. Il reste intempestif.”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

diversidade em Benveniste que se mostra em uma teoria da linguagem que não pode ser esquartejada em gramática comparativa, linguística geral, linguística da enunciação etc. Levar em conta essa unidade evita separar o linguista do filósofo (“O caso Humboldt”).

De Saussure a Benveniste não há relação de completude, mas de continuidade²⁸. A completude de um pelo outro é um *raciocínio falso*

fundado sob a versão estruturalista de Saussure, que exclui uma da outra, a *língua* e a *fala*, da mesma forma que transforma em pares de exclusão mútua os pares de implicação recíproca em Saussure (diacronia e sincronia, paradigma e sintagma) e junta o arbitrário à convenção²⁹ (Meschonnic, 2008, p. 363, grifos do autor, tradução minha).

Benveniste não completa Saussure: “ele faz outra coisa³⁰” (Meschonnic, 2008, p. 364, tradução minha). Uma coisa que Saussure não fazia, mas que Benveniste soube prolongar.

Inspirado em Normand (2009), prefiro falar no “encontro” Saussure-Benveniste, uma ideia que preserva um aspecto essencial quando o que está em questão é o pensamento de ambos: Benveniste toma Saussure como um ponto de partida, mas não um ponto de chegada. Benveniste, a um só tempo, nega, suprime, conserva e suspende Saussure, à moda da *aufhebung* hegeliana.

De minha parte, concordo com Meschonnic: não se trata de fazer uma genealogia dos conceitos entre esses três autores. A ideia é colocá-los em relação por aquilo que podem dizer sobre as questões que os mobilizam.

De certa forma, tentei fazer isso em meus *Título do livro* (Autor, 2019, p. xx-xx), livro em que busco desenvolver aspectos antropológicos da enunciação com base em Humboldt, Saussure e Benveniste e alguns outros autores que são colocados em relação sem, contudo, necessariamente explicitar qualquer filiação epistemológica entre eles.

No livro, considero que admitir o antropológico no âmbito da enunciação é admitir que a linguagem é síncrona do homem, o que funda uma inseparabilidade que é da ordem do necessário. Há, então, uma necessária pressuposição mútua entre homem e linguagem. E tal necessidade se define contrastivamente pela evidente contingência – as línguas – dos termos pelos quais cada homem se singulariza frente

²⁸ Ver meu artigo “O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste” (2017) e o livro *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* (2013).

²⁹ No original: “fondé sur la version structuraliste de Saussure, qui exclut l’une de l’autre langue et parole, de même qu’elle transforme en couples d’exclusion mutuelle les couples d’implication réciproque chez Saussure (diachronie et synchronie, paradigme et syntagme) et ramène l’arbitraire à la convention”

³⁰ No original: “il fait autre chose”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

à necessidade de ser falante para aceder ao mundo do simbólico. Enfim, linguagem, línguas e falante, a tríade que sustenta uma linguística como reflexão antropológica, meu interesse nos *Título do livro*.

De Humboldt a Benveniste, passando por Saussure, Henri Meschonnic tem razão: há, entre os três autores, uma filiação, que não é expressamente reivindicada, mas que se articula em torno da mesma ordem de problemas. Nos três, vemos uma preocupação em não desvincular a linguagem da centralidade da noção de Homem. Nos três, vemos a exigência de olhar para as línguas, para a diversidade na qual a linguagem tem lugar. É por esse viés que o falante – grande excluído da linguística – tem voz na reflexão teórica sobre a linguagem.

Assim, *pensar* uma ordem de questões pelas quais se pode colocar autores em relação/implicação não diz respeito ao historicismo com o qual se pode situar este ou aquele autor. Trata-se, antes, de ver os termos pelos quais é possível ver que as teorias ecoam entre si, a partir de uma determinada problemática. O horizonte de reflexão que se abre a partir disso é, no mínimo, para uma teoria da linguagem que não seja meramente um avatar do cientificismo.

Terceiro feito: a teoria da linguagem

Em *Dans le bois de la langue*, lemos: “Chamo de *teoria da linguagem* (expressão que tomo emprestada de Saussure) o estudo da coerência, das implicações, dos efeitos da teoria e dos efeitos da sociedade desse sentido. O estudo, ou seja, sua exploração e seu ensino³¹” (Meschonnic, 2008, p. 189, tradução minha). E acrescenta:

Por *teoria da linguagem*, não se deve entender nem a linguística (ou ciências da linguagem), nem a filosofia da linguagem. Não se trata de uma doutrina linguística de qualquer tipo, velha ou nova. Trata-se da reflexão indefinidamente em curso sobre o estatuto, as concepções e as práticas da linguagem, da língua e do discurso, em todas as práticas sociais e em todas as representações da sociedade. Mas primeiro nas disciplinas universitárias que reagrupamos sob o nome de ciências humanas, incluindo o estudo das línguas, da literatura e da filosofia, bem como os discursos sobre a arte³² (Meschonnic, 2008, p. 201, tradução minha).

³¹ No original: “J’appelle *théorie du Langage* (expression que j’emprunte à Saussure) l’étude de la cohérence, des implications, des effets de théorie et des effets de société de ce sens. L’étude, c’est-à-dire son exploration et son enseignement”.

³² No original: “Par *théorie du langage*, il ne faut entendre ni la linguistique (ou science du langage), ni la philosophie du langage. Il ne s’agit pas d’une doctrine linguistique quelle qu’elle soit, ancienne ou

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Ora, fazer teoria da linguagem tem, então, seus efeitos. As inúmeras especializações que o tratamento da linguagem tem recebido, em decorrência da diversificação teórica e metodológica, obscurece o fato primordial de que ela é uma grande atividade humana e, como tal, faz parte dos temas transversais que estão contidos em todo e qualquer pensar sobre o Homem.

Os especialistas da linguística – área que me concerne diretamente e que eu gostaria de ver mais próxima de uma discussão epistemológica que aceitasse a transversalidade da linguagem –, em sua maioria, perdem-se na especialização encantadora dos léxicos, das gramáticas, dos dicionários especializados, dos vocabulários técnicos, das ferramentas (como gostam de dizer). Esses instrumentos – fundamentais sem dúvida – não raras vezes são sobrevalorizados relativamente à própria linguagem que, por sua vez, passa a estar apenas metonimicamente neles contida.

A técnica, nesse caso, é supervalorizada em relação à linguagem propriamente dita. No entanto, é bom advertir: a linguagem transcende os procedimentos pelo quais se pode examiná-la. Isso não pode ser obscurecido.

Assim, o *pensar* a linguagem (e os saberes sobre a linguagem) encoraja ter menor interesse na técnica – que enfoca os procedimentos (linguísticos, técnicos, operacionais) e é tão caro às linguísticas – e maior interesse no que há de humano na linguagem.

Nesse sentido, não é factível uma teoria da linguagem que não seja um *pensar* sobre linguagem e, reciprocamente, toda teoria da linguagem promove um pensar sobre a linguagem. Linguagem e linguísticas estão implicadas desde que vistas como parte de uma teoria da linguagem que os inclua como questão epistemológica.

Para abordá-los, não é necessário perder-se no labirinto dos instrumentos, dos procedimentos, do fazer tradutório. Tem razão Meschonnic, portanto, quando diz que “a ausência da teoria da linguagem no ensino em geral se verifica na setorização técnica das atividades linguísticas nos departamentos das ciências da linguagem³³” (Meschonnic, 2008, p. 203, tradução minha).

O desafio que se coloca ao linguista, então, é antes de tudo o de rever a sua posição de mestria sobre a língua. Ou seja, “a teoria da linguagem, é simples, parte da posição de que pensar não é pensar se não se pensa a linguagem, porque pensar se faz na e pela linguagem³⁴” (Meschonnic, 2005, p. 263, tradução minha). Como se

nouvelle. Il s'agit de la réflexion indéfiniment en cours sur le statut, les conceptions et les pratiques du langage, de la langue et des langues, en distinguant entre la langue et le discours, dans toutes les pratiques sociales et dans toutes les représentations de la société. Mais d'abord dans les disciplines universitaires qu'on regroupe sous l'appellation de sciences humaines, en y incluant l'étude des langues, de la littérature et la philosophie, ainsi que les discours sur l'art”.

³³ No original: “L'absence de la théorie du langage dans l'enseignement en général se vérifie dans la sectorisation techniciste des activités linguistiques dans les départements de sciences du langage”

³⁴ No original: “La théorie du Langage, c'est simple, elle part de la proposition que penser n'est pas penser si on ne pense pas le langage, parce que penser se fait dans et par le langage”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

vê, o que Meschonnic possibilita ensinar é que a teoria pode e deve ser crítica, que podemos e devemos ser críticos. E isso não é pouco.

Referências

CNRTL – Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. 2012. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/mani%C3%A8re>. Acesso em: 15 mai. 2022.

DESSONS, Gérard. “Les enjeux de la manière”. **Langages**, Paris, 29^e année, nº118, 1995, pp. 56-63. Les enjeux de la stylistique, sous la direction de Daniel Delas.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l’invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. “O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste”. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1005-1026, 22 dez. 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e a tradução*. Brasília: Editora da UnB, 2021.

MESCHONNIC, Henri. “Oui, qu’appelle-t-on penser?”. In: DESSONS, Gérard;

MARTIN, Serge ; MICHON, Pascal. **Henri Meschonnic, la pensée et le poème**. Paris: Éditions In Press, 2005. pp. 251-266.

MESCHONNIC, Henri. “Penser Humboldt aujourd’hui”. In: MESCHONNIC, Henri (org.). **La pensée dans la langue**: Humboldt et après. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. pp. 13-50.

MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme**: anthropologie historique du langage. Lagrasse: Éditions Verdier, 1982.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

MESCHONNIC, Henri. **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008.

MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Lagrasse: Éditions Verdier, 2007.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NORMAND, Claudine. "Saussure-Benveniste". In: NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Tradução de Cristina Birk et al. São Paulo: Editora Contexto, 2009. pp. 197-204.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

TRABANT, Jürgen. "Le Humboldt d'Henri Meschonnic". In: DESSONS, Gérard;

MARTIN, Serge; MICHON, Pascal (orgs.). **Henri Meschonnic, la pensée et le poème**. Paris: Éditions In Press, 2005. pp. 175-186.

Recebido em: 21/10/2023

Aprovado em: 21/12/2023